

# SÍNTESE BRASILEIRA DE GÊNEROS TEXTUAIS: O QUE REVELAM OS SIGETS DE 2007 - 2011

Jeanine Barbosa da Silva<sup>1</sup> (UPE)  
Jeanine.barbosa11@gmail.com

## Introdução

O tema gêneros tem sido objeto de estudo constantemente no Brasil. Grandes estudiosos da linguística, atualmente, vêm dando uma atenção diferenciada aos gêneros textuais de modo geral; por este motivo, estudiosos norte-americanos postularam, recentemente, que existe uma “síntese brasileira de gêneros”, através da pesquisa brasileira sobre gêneros textuais que, a cada dois anos, é divulgada mundialmente pelo Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais – SIGET e de publicações dele derivadas, sendo apresentada como uma nova abordagem teórica que pode conciliar aportes de diferentes teorias estrangeiras, enfatizando o ensino de gêneros nacional que se integra ao ensino de língua portuguesa, surgindo muita curiosidade sobre a apropriação das noções de gêneros através dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN.

Anis Bawarshi e Mary Jo Reiff em sua obra *Genre: An Introduction to History, Theory, Research, and Pedagogy* (2010)<sup>2</sup>, foram os primeiros estudiosos a fazer isso. Segundo os autores “a pesquisa de gêneros no Brasil tem sido especialmente instrutiva pela maneira como faz uma síntese das tradições linguística, retórica e social/ sociológica [...] ao mesmo tempo em que também lança mão das tradições de gêneros francesa e suíça” (2013, p. 99). Eles também afirmam que “os estudos brasileiros de gêneros oferecem um modo de ver essas tradições como mutuamente compatíveis e capazes de proporcionar ferramentas analíticas e teóricas pelas quais se possam compreender o funcionamento linguístico, retórico e sociológico dos gêneros” (2013, p. 99).

Neste sentido, Bawarshi & Reiff afirmam que “a síntese brasileira foi dinamizada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação” (2013, p. 5), porém segundo os PCN (1998) ao se tratar do ensino de gêneros, mais precisamente no Ensino Fundamental, “o objetivo é tomar todos os gêneros em circulação social, a realidade concreta do estudante e, principalmente, explorar as diversas situações em que o aluno utiliza a linguagem atentando para as características dos textos produzidos”. Sendo assim as pesquisas de gêneros que são feitas no Brasil, para o favorecimento do ensino básico, não nos parece

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras, bolsista do PIBIC/CNPq  
Universidade de Pernambuco (UPE).  
Campus Garanhuns.

<sup>2</sup> Esse livro foi traduzido pelo Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra, orientador deste projeto e publicado pela Parábola Editorial em 2013.

limitar-se a uma “síntese”, nem, principalmente, com a abordagem teórica do Interacionismo Sociodiscursivo – ISD, pois o ensino de gêneros, sobre gêneros ou através de gêneros é realizado com base nas diversas abordagens teóricas e visando a diferentes níveis de ensino, incluindo o ensino superior e de pós-graduação.

A pesquisa procurou identificar entre as teorias que serão apresentadas em seguida se os pesquisadores fazem um diálogo entre elas, se o uso que esses pesquisadores fazem das teorias indicam filiações, combinações ou rupturas em relação a elas. Uma vez identificado em que consiste esse diálogo, interessou ainda perceber se ele pode ser tratado como uma síntese das referidas teorias; qual a abrangência dessa síntese; que teorias são chamadas a compô-la; que implicações se colocam para a concepção teórica e o ensino de gêneros.

De modo que a ideia de uma síntese brasileira nos estudos de gêneros textuais levanta algumas questões importantes: existe realmente uma síntese brasileira? Se existe, de que natureza é essa síntese? Qual é o papel do ensino na orientação dessa síntese? Que tipo de abordagem de estudos de gêneros serve de base para a pesquisa no Brasil? Existe uma escola de gêneros predominante na formulação de uma síntese brasileira? Quais são as principais contribuições dos estudos brasileiros para uma teoria de gêneros mais abrangente?

As questões que orientam este estudo apresentam interesse não apenas teórico para a área de estudo de gêneros. Considerando a centralidade do conceito de gêneros que apresentam diversos enfoques teóricos e sua repercussão no ensino de língua no país, trata-se de contribuir também para que se perceba a complexidade do tema e a variedade de abordagens que podem ser utilizadas para tratá-lo. Além disso, compreender o rumo dos estudos e da pesquisa de gêneros no Brasil pode contribuir para se colocar ao alcance dos docentes de língua portuguesa diversas outras concepções teóricas e metodológicas para o ensino, evitando que se tomem os PCN como uma espécie de caminho único para o tratamento do assunto, sabendo que, nas palavras de Marcuschi (2008, p. 147), “o estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão”.

### **Procedimentos Metodológicos**

A pesquisa, de natureza bibliográfica, se apoiou na análise da produção teórica e aplicada no campo dos estudos de gêneros realizados no Brasil, representada pela análise de artigos apresentados nos SIGET e publicado nos anais de 2007, 2009 e 2011.

Para a constituição de um *corpus* representativo da produção nacional nesse período, considerando os principais centros irradiadores dos estudos de gêneros no Brasil, em termos

de distribuição geográfica, foram definidos 60 artigos e analisados 25 deles, assinados por pesquisadores provenientes das seguintes universidades: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Santa Maria-RS (UFSM), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), abrangendo as regiões Sudeste e Sul, e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Estadual do Ceará e Universidade Federal do Ceará (UFC) abrangendo a região Nordeste, considerando o pioneirismo dessas IES nos estudos de gêneros textuais.

Para a análise dessas produções anteriormente citadas, serão levados em consideração principalmente, os *abstracts* de artigos, as introduções e as referências bibliográficas, sem desprezar quaisquer outras pistas que levem à identificação dos aportes teóricos adotados, bem como de possíveis combinações teóricas que possam indicar uma tentativa de síntese.

O diálogo, a confrontação ou a combinação de teorias serão identificados no decorrer das análises considerando-se os principais autores de cada tendência bem como a referência explícita a esses autores e às correspondentes escolas. Vale ressaltar que as escolas citadas, em seguida, servirão de embasamentos teóricos e específicos no desenvolvimento das análises da pesquisa.

### **1. Linguística sistêmico - funcional<sup>3</sup>**

Como a própria definição da teoria sugere, a linguística sistêmico - funcional (LSF), vem trabalhar os gêneros com o propósito de fazer a junção exatamente do propósito social (função social) do gênero e o contexto que ele está inserido juntamente com sua estrutura textual. Portanto:

o "funcional" diz respeito ao trabalho que a linguagem realiza dentro de determinados contextos. O "sistêmico" diz respeito à estrutura ou organização da linguagem de modo que possa ser usada para fazer determinadas coisas dentro daqueles contextos. O "sistêmico", então, se refere aos "sistemas de escolhas" disponíveis aos usuários da linguagem para a realização de sentido (CHRISTIE, 1999, p. 759, *apud* BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 47).

Os estudiosos que fazem parte dessa corrente teórica são Gunther Kress, Bill Cope, J. R. Martin, entre outros. Foram esses teóricos citados anteriormente que aplicaram tais teorias ao estudo dos gêneros, tendo como base grande parte de seus estudos, nas obras pioneiras de Michael Halliday da Universidade de Sidney, por isso o fato dessa corrente teórica também ser conhecida como Escola de Sidney.

---

<sup>3</sup> A apresentação das teorias segue como orientação geral o livro de BAWARSHI & REIFF, 2013.

Halliday é um dos nomes que mais se tem feito presente nos estudos linguísticos desta escola, focalizando o uso da linguagem no meio social, afirmando que ela é “um dentre os sistemas por meio dos quais construímos significados” (HALLIDAY, 1985, p. 3 *apud* CARVALHO, 2009, p. 4), significados esses que são entendidos a partir das comunicações e interações que apresentamos socialmente, apresentando assim, combinações teóricas com estudiosos de áreas afins como, por exemplo, em Gomes (2013) quando mostra Fairclough (2001a) concordando com os estudos de Halliday ao afirmar que “compartilha a ideia de que para interpretar um texto é necessário retomar o contexto social, histórico e cultural em que a prática comunicativa ocorreu. Compartilham também a ideia de que forma e função são indissociáveis nesse processo de uso da linguagem” (GOMES, 2013, p. 39).

No entanto, os estudos de Halliday têm uma dedicação diferenciada para o propósito social dando ênfase à estrutura global do texto caracterizando o registro no nível da frase. Sendo assim, é necessário observar tanto o "campo" (atividade desenvolvida) onde a situação acontece, considerando dessa forma o contexto, a "relação" entre os participantes no momento da interação, como também o "modo" (canal de comunicação) usado por tais participantes para realização das ações. Neste sentido, “é possível que as escolhas léxico-gramaticais realizadas pelo indivíduo sejam motivadas pelo contexto no qual ele está inserido, [...] (re)conhecer a situação em que as pessoas estão envolvidas é imprescindível para compreender a relação entre o contexto e o ‘discurso nele produzido’ ” (HALLIDAY; HASAN 1989, p. 5 *apud* CONTO; MOTTA-ROTH, 2009, p. 3).

## **2. Inglês para fins específicos**

Além de estabelecer uma relação intrínseca de aspectos linguísticos e retóricos, essa teoria está inserida em uma categoria mais abrangente das línguas para fins específicos, focando seus estudos nas variedades de um inglês que se volta para falantes não nativos do idioma, e que é usado em contextos de estudos avançados, incluindo dessa forma estudos mais especializados em suas análises. Bawarshi & Reiff (2013) citam como exemplo o Inglês para Fins Acadêmicos, Inglês para Fins Profissionais e Inglês para Fins Médicos.

Dessa forma, o foco desses estudos se dá tanto no inglês acadêmico e de pesquisa, como o uso da análise desses gêneros para fins aplicados, fazendo com que as mesmas se aprofundem também nos propósitos e efeitos comunicativos da língua em questão.

É interessante que a teoria do Inglês para Fins Específicos em muito conversa com a Linguística Sistêmico - Funcional, pois

ambas partilham a concepção fundamental de que os traços linguísticos estão ligados ao contexto e à função social. E ambas se orientam pelo imperativo pedagógico de tornar visível para estudantes desfavorecidos as conexões entre língua e função social incorporadas pelos gêneros (BAWARSHI; REIFF; 2013, p. 62).

No entanto, apesar dessas duas teorias apresentarem similaridades, há também distinções entre elas. Podemos por exemplo citar o fato de que o público-alvo da aplicação é diferenciado, pois enquanto o Inglês para Fins Específicos (ESP) trabalha a aplicação em contextos avançados, como já foi citado anteriormente, a Linguística Sistêmico - funcional (LSF) visa crianças em idade escolar. E também as abordagens de gêneros entre ambas, enquanto a LSF identifica os gêneros em contexto sociocultural o ESP adquire os gêneros com grande valor em contextos mais específicos onde os propósitos comunicativos dos gêneros são mais específicos, sendo estes propósitos um “critério privilegiado” (SWALES, 1990 *apud* BIASI-RODRIGUES; BEZERRA, 2012, p. 232), assim os gêneros “não devem ser tratados como entidades discretas, claramente distintas, prontas para serem ensinadas e aprendidas, mas como entidades complexas, dinâmicas, que se manifestam no mundo real e como parte da complexidade desse mundo” (BEZERRA, 2011, p. 603).

Swales (1990, p. 58.) definiu gêneros como “uma classe de eventos comunicativos cujos membros compartilham certo conjunto de propósitos comunicativos”, estes gêneros são apresentados em contextos específicos que Swales chama de “comunidades discursivas”, comunidades estas que possuem seis diferentes características para serem consideradas como tais, para a partir dos propósitos comunicativos poder transmitir a linguagem de modo eficaz a cada membro da comunidade, e conforme afirma Bezerra (2006, p. 70) “o propósito comunicativo tem a ver exatamente com aquilo que os gêneros realizam na sociedade, admitindo-se, porém, que o propósito de um gênero não é necessariamente único e predeterminado”. Nessa perspectiva, Bhatia afirma que o gênero “é caracterizado essencialmente pelo(s) propósito(s) comunicativo(s) que pretende realizar” (1993, p. 13 *apud* BIASI-RODRIGUES; BEZERRA, 2012, p. 233). Sendo assim,

O propósito comunicativo, portanto, não será algo simplesmente imanente no texto como tal, visto que se trata sempre de um processo de construção social desse propósito ou propósitos, nem será uma realidade meramente psicológica, definível com “intenção do autor”, pois seria imperativo questionar essa onipotência do autor sobre o texto e sua recepção na sociedade (BIASI-RODRIGUES; BEZERRA, 2012, p. 236).

Neste sentido, as análises mais recentes em ESP se iniciam a partir da identificação do gênero e logo em seguida pelo propósito comunicativo que esse gênero irá desempenhar em dado contexto sócio-cultural, caracterizados em sua maioria pelos movimentos retóricos, além é claro de considerar o contexto e a natureza dinâmica intertextual dos gêneros.

### 3. Os Estudos Retóricos de Gênero

A preocupação desta corrente teórica, conhecida também como Escola Americana é saber como os gêneros capacitam os usuários da língua a fazer estudos retóricos desempenhando e se relacionando nas ações e relações sociais. Para Marcuschi, essa corrente

preocupa-se com a organização social e as relações de poder que os gêneros encapsulam. Tem uma visão histórica dos gêneros e os toma como altamente vinculado com as instituições que os produzem. A atenção não se volta para o ensino e sim para a compreensão do funcionamento social e histórico, bem como a sua relação com o poder (MARCUSHI, 2008, p. 153).

Da mesma forma, se emprega para saber de que maneira os gêneros ajudam a reproduzir práticas e realidades sociais, tendo em seu objetivo maior a compreensão dos contextos e o seu desempenho. Assim afirma Bazerman: “O foco da análise de gêneros nos Estudos Retóricos de Gêneros (doravante ERG), dessa forma foi dirigido para a compreensão de como os gêneros medeiam práticas, interações e realidades simbólicas situadas e “significados congruentes” ([2003] 2006 apud BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 81).

Os estudiosos em ERG entendem os estudos dos gêneros como formas de cognição situada, ação social e reprodução social, e tiveram o interesse do estudo a partir das análises linguísticas realizadas em pesquisa de ESP e de LSF, uma vez que estes foram formados nas áreas como inglês, comunicação, educação, comunicação técnica e em linguística. Os autores mais representativos desta corrente são C. Miller, C. Bazerman e A. Devitt, sendo Miller (1984) a pioneira da forma de pensar gênero como ação social. Essa teoria é focalizada nos conceitos de fatos sociais, tipificação e atividades assim, Bazerman define gêneros como

formas de vida, modos de ser. São enquadres para ação social. São ambientes para aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Os gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar (BAZERMAN, 2006, p. 23).

Os Estudos Retóricos de Gêneros se iniciaram com a obra da nova retórica quando se estudou a maneira como os gêneros, em jeitos retóricos tipificados de agir em modos sociais se situavam socialmente. Em seu artigo “Gênero como ação social” ([1984] 2012), Carolyn Miller fez relações entre as concepções retóricas da Retórica como ação simbólica e sociológica que focava a tipificação retórica e social para Miller (1984, p. 151), “compreender os gêneros socialmente pode nos ajudar a explicar como encontramos, interpretamos, reagimos e criamos certos textos” (apud BORGES, 2012, p. 131).

A retórica possibilita os usuários da língua por meio da linguagem à atuação e construção em realidades sociais, e também quando eles contendem por identificações e as negociam. Para David Fleming, a retórica é: “a condição de nossa existência – como um modo de estar, conhecer, organizar e interagir no mundo” (1998, *apud* BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 84).

#### **4. O Interacionismo sociodiscursivo – O grupo de Genebra**

O grupo de Genebra é constituído pelos seguintes e principais autores: Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly entre outros, tendo por influência os estudos dos gêneros do discurso proposto por Bakhtin que descreve gênero como “tipos relativamente estáveis de [...] enunciados, nos quais palavras e orações realizam expressões, relações, sentidos e fronteiras típicos e em que existem conceitos típicos sobre o destinatário e formas típicas de endereçamento” (1986, *apud* BAWARCHI; REIFF, 2013, p. 109). Já Dolz e Schneuwly a partir desta definição de Bakhtin definem gênero como “formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais de práticas de linguagem” (1999, p. 7 *apud* BORGES, 2012, p. 124).

Baseando-se nos estudos de Bawarshi & Reiff 2013, o interacionismo sociodiscursivo – ISD tem familiaridade com grandes estudiosos do ERG; contudo o ISD não foi influenciado diretamente com os estudos do ERG. Baseando-se nas tradições retóricas, sociológicas e linguísticas, o ISD apresenta-se a principal influência dos estudos realizados no Brasil sobre gêneros, pois é a partir dessas tradições que o ISD é classificado como “uma teoria da ação humana baseada em contextos sociais e discursivos e fundamentada em gêneros” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 99), uma vez que, a linguagem se realiza a partir dos gêneros que se fazem presentes em nossas práticas sociais. Nessa perspectiva, o ISD

postula que as ações humanas devem ser tratadas em suas dimensões sociais e discursivas, considerando-se a linguagem como a principal característica da atividade social humana, já que os seres humanos interagem a fim de se comunicar, através de atividades coletivas de linguagem e de ações individuais, consolidadas em textos de diferentes gêneros (BALTAR et al., 2009, *apud* BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 99).

#### **ANÁLISES**

Inicialmente as análises vão se deter nas observações das introduções e *abstracts*, e também serão levadas em consideração as referências bibliográficas presentes nessas publicações, sem desprezar quaisquer outras pistas que levem à identificação dos aportes

teóricos adotados. Logo em seguida cada artigo será analisado mais minuciosamente, ou seja, a análise será feita de forma mais aprofundada sobre como se dá a presença das teorias, para a partir daí ser possível perceber quais teorias são mais difundidas nas publicações brasileiras, além de identificar quais são as possíveis e mais relevantes ligações e/ou misturas das mesmas.

Na primeira pesquisa analisada, observa-se um estudo em um gênero textual que trata da maneira como o ser humano age, ou deveria agir, em sociedade buscando identificar como os usuários desse gênero fazem o uso da linguagem específica na prática jurídica para ter contato com o cidadão que não utiliza dessa linguagem, mas que faz parte do envolvimento desse gênero, uma vez que habita em um meio social, sendo assim “se (quase) todos os aspectos da nossa vida em sociedade estão regulamentados, isto é, organizados em termos legais, é urgente que prestemos alguma atenção à análise dessa linguagem que define e estrutura os nossos comportamentos” (RODRIGUES, 2005 *apud* FUZER; BARROS, 2007, p. 874).

Nesse estudo, é possível observar um embasamento de várias teorias, apresentando um diálogo entre os estudos retóricos, sociológicos e a LSF, focalizando nos aspectos da linguagem para a análise de gêneros textuais, onde sabe-se que é por intermédio da linguagem que se organiza a maioria das ações humanas e “a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”, como afirmou (MARCUSCHI, 2002, p. 22 *apud* BEZERRA 2009, p. 22), uma vez que são identificáveis as falas dos autores que se filiam em uma mesma perspectiva.

Exemplo 1: Recortes do artigo: Acusação e defesa: A função ideacional da linguagem no gênero alegações finais.<sup>4</sup>

Lingüística Sistêmico-Funcional, desenvolvida por Halliday, que fundou o Departamento de Lingüística na Universidade de Sydney em 1975 e tem exercido grande influência na teoria da linguagem e na educação na Austrália. Nessa abordagem, é dada ênfase à estrutura global do constituir práticas sociais, estudiosos da ESP têm usado a noção de “sistema de gêneros”, em seqüência relativamente fixa, originalmente discutida por Devitt (1991) e Bazerman (2004), que se filiam à perspectiva da Nova Retórica.

Para os estudiosos da Nova Retórica, como Bazerman (2004), Miller (1984, 1994), dentre outros, os gêneros podem incorporar interesses e valores de um grupo social em

---

<sup>4</sup> Produzido por Cristiane FUZER e Nina Célia BARROS, UFSM, IV SIGET.



Disponível

em:<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/index1.htm>

Seguindo com a análise, observamos um estudo sobre o funcionamento da língua, seja materna ou não, presente nos diversos gêneros que são abordados pelos livros didáticos, e a sua relação em atividades culturais e sociais. Sendo assim, estudar a maneira como a língua funciona por algum gênero textual é ampliar “uma fértil área interdisciplinar com atenção especial para o funcionamento da língua” (MARCUSCHI, 2005, *apud* CAVICHIOLI; PINTO; RICHTER, 2007, p. 1023).

A pesquisa analisada traz abordagens como os livros didáticos sendo um gênero textual, afirmando que “da mesma forma que caracterizamos os gêneros em geral, um ‘bom e recomendável’ livro didático também deveria ser caracterizado como tal” (CAVICHIOLI; PINTO; RICHTER, 2007, p. 1023); estes estudiosos trazem o LD como um instrumento que facilita no processo de ensino-aprendizagem, bem como qualquer outro gênero que se se faz presente na vida do aluno, apresentando também no contexto social, valores, crenças, desigualdades, costumes, entre outras coisas.

Por esse motivo, o artigo analisado tem como base estudiosos da língua em uso, apresentando assim uma combinação entre teóricos como Marcuschi e Bazerman para a definição de gêneros textuais no ensino de línguas em funcionamento nas comunidades de fala e em seus falantes pela grande variedade e diversidade linguística.

Exemplo 2 : Recorte do artigo: Livro didático de português para estrangeiros: Um gênero textual.<sup>5</sup>

fala a qual pertencemos. Segundo Marcuschi (2005, p.10), “não se ensina um gênero como tal e sim se trabalha com a compreensão de seu funcionamento na sociedade e na sua relação com os indivíduos situados naquela cultura e suas intuições”.

Complementando as convicções de Marcuschi, Bazerman (2005, p. 31) ressalta que:

Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelo outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os

Disponível em:

<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/index1.htm>

---

<sup>5</sup> Produzido por Fabrícia CAVICHIOLI, Cândida Martins PINTO e Marcos Gustavo RICHTER, UFSM, IV SIGET.

O recorte abaixo se refere a um embasamento teórico de grandes estudiosos na área de tecnologias, trazendo os gêneros textuais no mundo digital “os quais possuem características muito semelhantes à dos gêneros já conhecidos tradicionalmente, nas várias formas de comunicação e na prática da linguagem escrita da sociedade” (CORRÊA, 2007, p. 1).

Vários estudos vêm sendo feitos na área da tecnologia, principalmente no contexto educacional, com as mais diferenciadas abordagens de gêneros apresentados no computador e utilizados pelos profissionais da educação; apresentando também quais as possíveis contribuições dos gêneros digitais no processo de letramento digital dos professores e o que diferencia dos gêneros já existentes na linguagem do dia a dia.

Em momento algum, nesse artigo analisado, apresenta combinação, rupturas, diálogos ou ainda a confrontação das respectivas escolas citadas anteriormente; observar-se em seguida um pequeno recorte que apresenta alguns e os mais principais teóricos do estudo que serviu de análise.

Exemplo 4: Recorte do artigo: Gêneros textuais no contexto digital & educacional<sup>6</sup>

professores tem sido questões a serem pesquisadas e estudadas. O uso das ferramentas computacionais que envolvem a prática de leitura e escrita dos discursos, chamados de eletrônicos (Paiva, 2001; Marcuschi, 2002; Xavier, 2002) requer conhecimento e prática, os quais, pode-se dizer, são precários nas atividades diárias dos professores de modo geral. Por isso, as questões que direcionarão este artigo a respeito destes gêneros, tornaram-se polêmica entre

Disponível em:

<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/index1.htm>

### **Considerações Finais**

Durante a análise feita no *corpus* percebemos, por exemplo, as teorias que mais conversavam entre si, assim como as possíveis formações que indicassem as filiações e também as combinações entre as teorias. Então foi possível identificar que existe uma tentativa de síntese brasileira nos estudos realizados sobre gêneros, porém percebemos também, que as produções sobre os gêneros textuais realizadas no Brasil não se limita apenas a estes aportes teóricos, há também outras teorias nas produções realizadas no Brasil, além

---

<sup>6</sup> Produzido por Ediléa Félix CORRÊA, PUC/SP, IV SIGET.

das quatro correspondentes escolas citadas neste trabalho, sobre as mais variadas produções de gêneros. Contudo, pode-se afirmar até o presente momento, onde constatamos que ainda não existe assim a chamada “Síntese brasileira

Por fim, concluímos afirmando que as análises de gêneros textuais vêm apresentando-se de forma intensa nos últimos anos, principalmente no Brasil. Porém, apesar das fortes presenças das respectivas escolas nas produções brasileiras, não considera-se haver uma síntese no ensino e nas produções de gêneros.

### **Referências Bibliográficas**

ASKEHAVE Inger; SWALES John M. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero História, Teoria, Pesquisa, Ensino**. São Paulo: Parábola, 2013.

BAZERMAN, C. **Gêneros, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Ângela P. Dionísio; Judith C. Hoffnagel (Org.). 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BEZERRA, Benedito G. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. 2006. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

BEZERRA, Benedito G. Gêneros introdutórios digitais: apresentando livros na internet. In: **Anais do V SIGET**, 2009. Disponível em: [http://www.uces.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos\\_autor](http://www.uces.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor) Acesso em: 02 des. 2013.

BEZERRA, Benedito G. Agrupamentos de gêneros: discutindo terminologias e conceitos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7, 2011, Curitiba. **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín**. Curitiba UFPR, 2011. P. 602 – 610. Disponível em: [http://www.abralin.org/abralin11\\_cdrom/artigo/Benedito\\_Bezerra.PDF](http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigo/Benedito_Bezerra.PDF) Acesso em: 20 abr. 2013.

BIASI-RODRIGUES, Bernadete; BEZERRA, Benedito G. Propósito comunicativo em análise de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**, palhoça/SC, v. 12, n. 1, p. 213-230, jan./abr.2012.

BORGES, F. G. B. **Os gêneros textuais em cena: uma análise crítica de duas concepções de gêneros textuais e sua aceitabilidade na educação no Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v12n1/a07v12n1>> Acesso em: 18 mar. 2014.

CARVALHO, Gisele de. Um gênero em dois veículos em mídia digital: a análise do gênero “crítica” sob a perspectiva sistêmico-funcional. In: **Anais do V SIGET**, 2009. Disponível em: <[http://www.uces.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos\\_autor](http://www.uces.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor)> Acesso em: 22 mar. 2014.

CAVICHIOLO, Fabricia; PINTO, Cândida Martins; RICHTER, Marcos Gustavo. Livro didático de português para estrangeiros: Um gênero textual. In: **Anais do IV SIGET**, 2007. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/index1.htm>> Acesso em: 02 des. 2013.

CONTO, Janete M. de; MOTTA-ROTH, Désirée. O sistema de gêneros da seleção de candidatas a emprego contexto empresarial. In: **Anais do V SIGET**, 2009. Disponível em: <[http://www.uces.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos\\_autor](http://www.uces.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor)> Acesso em: 10 mar. 2014.

CORRÊA, Ediléa Félix. Gêneros textuais no contexto digital & educacional. In: **Anais do IV SIGET**, 2007. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/index1.htm>> Acesso em: 25 jan. 2013.

FUZER, Cristiane; BARROS, Nina Célia. Acusação e defesa: A função ideacional da linguagem no gênero alegações finais. In: **Anais do IV SIGET**, 2007. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/index1.htm>> Acesso em: 02 des. 2013.

GOMES, Jaciara J. **Tudo junto e misturado: violência, sexualidade e muito mais nos significados do funk pernambucano “É nós do Recife para o mundo”**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós –graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Ed: Parábola, 2008.

*Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília, MEC/SEF: 1998.